

ZA 40.L  
div

INT. INSTITUT  
SOC. GESCHIEDENIS  
AMSTERDAM

NA Brazil

# A Lúta Social

Manaus, 1 de Novembro de 1914

ANO—1.º N.º 6

Amazonas — Brazil

Redactor - responsavel

TERCIO MIRANDA

ORGAM OPERARIO—LIVRE

## Aos nossos leitores e aos camaradas.

Devia este numero ser publicado com 8 paginas e como omenagem a Francisco Ferrer, assassinado barbaramente na conservantista e racionaria Espanha, circularia no dia 13. Porém, em virtude dum incidente, que no dia 10 vitimou o nosso companheiro Tercio Miranda, pelo qual até agora não safu do seu leito, resolvemos, fazer uma edição de 6 paginas.

O n.º 7 publicar-se-á logo que aquele nosso companheiro, possa sair de casa, pois conforme o seu desejo, deve o nosso jornal ser ilustrado com um retrato de Ferrer, cuja execução ele ha-de concluir.

Manaus, 31 de Outubro de 1914.

O OR. « LUTA SOCIAL »

## SERENAMENTE

No meio das maiores convulsões ou os mais iminentes perigos, eu nunca perdi a calma; e se digo serenamente, é porque pretendo fazer algumas objeções, agora que todos estão refeitos de qualquer pequeno susto, originado pela acidentalidade duma refrega mal sucedida ou a incerteza do seu papel, ante uma espetativa que se erguia aos olhos de todos.

A greve do Amazonas está perdida e o seu diretor, com o seu cinismo aliado á falta de dignidade e de escrúpulos, zombando daqueles que tiveram a veleidade de acreditar nas suas falas e deixar acumular nas suas mãos, algumas semanas que não receberam, vem ainda dizer criminosamente, que não deve nada. No entanto o dinheiro roubado, sim, — roubado, por essa creatura de peor especie que os bandoleiros calabrezes — orça por 6.000\$000 (seis contos de reis).

Já no numero anterior do nosso jornal, se disse, que a tática seguida, ou por outra, a preparação de greve, não foi o que devia ser. Porém o principal prejuizo não foi esse. O principal prejuizo fôi devido á falta de compreensão de deveres dos nossos camaradas: fôi só pela má interpretação da solidariedade. Mas como praticar o contrario se apenas uma pequena parte da classe compreende o seu papel e se ainda entre estes encon-

tramos alguns incapazes dum sacrificio e embuidos duma pusillanidade atroz?

Todos se devem lembrar, pois não é muito o tempo passado, que desde a fundação do « Sindicato dos Trabalhadores Graticos », quando eu me fazia ouvir, mostrava a necessidade de uma ação consciente, para a imancipação, mas nunca me esquecia de dizer, que o nosso primeiro trabalho, devia ser o levantamento moral da classe. Precisava-mos da adesão de toda a classe, que não é grande afinal, para estreitarmos indestrutivelmente, os laços da solidariedade, indispensavel á nossa vitória. Mais que uma vez, como secretario geral do Sindicato, eu fiz sentir que a nossa aggrupação, não podia assumir a responsabilidade de qualquer movimento, por se sentir ainda sem forças. O resultado seria negativo, e os nossos adversarios, — adversarios sim: porque os temos e muitos, e infelizmente na classe — teriam ensejo para apontar a nossa invalidade. Porém, fazia sentir, que se o pessoal de alguma casa tipografica, tivesse necessidade de abandonar o trabalho, por qualquer motivo, o Sindicato prestaria o seu apoio. O Sindicato por sua vez, resolvia que só ás respectivas corporações competia iniciar qualquer movimento. E é depois disto que se declara a greve no Amazonas.

Curvados ao pezo das fadigas diarias, aumentadas pela miseria em que viviam, com uma reduzida alimentação, se é que alguns dias ela não faltava, esses escravos, mais infelizes que os da antiga gleba, não puderam por mais tempo suportar o seu vexame e abandonaram o trabalho. Nem todos, por motivos varios estavam sindicados, mas todos assinavam o officio, em que a corporação daquele jornal reclamava auxilio. Sem reparar sequer nessa particularidade, a todos o Sindicato abriu as suas portas, abraçando aqueles companheiros. Mas, que fazia o restante da classe? Nem ás nossas reuniões compareciam.

Houveram manifestações sinceras

de solidariedade, que traduziam bem a firmeza de consciencia e de caráter. Houve ainda quem quizesse greve jeral e francamente éla era a unica garantia de vitória. Mas aqui eu puz-me ao lado dos que vacilavam fui contra a greve jeral.

O mais alto e sagrado dever, o dever da solidariedade, devia despertar logo no sentimento de todos, a ideia dum levantamento jeral. Mas como fazel-o?

Acaso a classe se convenceu já de que devia ser mais altiva, que não se devia submeter a creaturas que pediam para que não se frequentasse o Sindicato? Não se deixam ainda oje, muitos companheiros, guiar por tais conselhos, como certos irracionais se deixam guiar pelas varas dos seus guardas?

Sim; a nossa classe tem o seu cerebro embuido duma grande dose de servilismo e submissão; e emquanto que viver em tal paralelismo, ela nunca se levantará. Olhem por exemplo para a *Imprensa Oficial*.

Acaso vimos da parte daquela corporação algum pequeno jesto de revolta, que traduzisse um simples laivo de dignidade ou o mais insignificante bislumbre de caráter moral?

Os graficos daquele estabelecimento do Estado, tinham umas certas semanas em atraso, quando lhes fôi comunicada, uma redução nos seus salarios, mas depois de serem regularisados os seus débitos. Conformaram-se e nessa semana receberam logo quatro folhas, o que deu motivos a rigojisos. Mas na semana seguinte, logo no seu começo, um decreto baixado informava que desde aquelle momento, ficavam a perceber pela redução feita. Nessa semana receberam uma folha e na semana seguinte não houve dinheiro, ficando cinco folhas em atraso.

Quem protestou? Acaso a corporação se manifestou contra o logro de que fôi vítima?

Todos se submeteram afinal. E se alguns camaradas manifestaram o seu protesto fôi intimamente ou entre um ou outro em quem tinha confiança.

Devido ao servilismo e á incons-

ciência de certos elementos, não se podem ali entender como camaradas, aqueles que são companheiros no trabalho. Não ha confiança entre si.

Têm sido os camaradas daquele estabelecimento o maior estorvo á obra do Sindicato e portanto da classe. E o mesmo receio, a mesma incerteza, entre os graficos da *Imprensa*, eziste tambem entre os que estão por fóra. E se não fôsse esse facto, a classe poderia ter uma vida mais desafogada.

A classe está convencida de que a *beneficencia* não traz beneficio algum. A prova é que abandonaram o seu organismo, ainda ezistente, com tal fim. Convencidos todavia, que o simples organismo de resistencia era o unico que lhe convinha, fôi ingressando no seu respectivo Sindicato, alimentando novas esperanças.

Eis que tudo corria na melhor harmonia, principiando o cultivo pela Solidariedade. Uma parte da classe, forte e persistente, continuáva no seu afam, e a outra parte, mesmo quando nós estávamos no auge do entusiasmo, pelo sucesso dos trabalhos, juntavam á sua inanimidade, não a acintósa critica, mas o criminóso e desalentado:—Não vai! Não vinga! Isso não vale nada!

No entanto sem o reparo destes perniciosos camaradas, os patrões preocuparam-se algo com a ação que o Sindicato ia desenvolvendo; mostravam-se mesmo embaraçados e apreensivos, com o numero crescente das adesões, que semanalmente, ás suas reuniões, vem chegando. Se estes camaradas quizessem abrir os *olhos de ver*, veriam que estando todas as casas tipograficas, á ecção dum jornal, atrazadas com os seus operarios, começaram a pagar uma e duas semanas todos os sabados. Como primeiro já não iam os nossos camaradas, para casa nesses dias, com vales de 5\$000 ou 10\$000 reis, e muitas vezes sem dinheiro, para no domingo dárem café á sua companheira e seus filhos. Oje depois de terem sentido as pulsações, o estado danimo dalguns camaradas, já se vão novamente atrazando, querendo voltar ao antigo rejimem. O *Tempo*, jornal do governo, onde uma parte do seu pessoal recebe pela folha da *Imprensa Oficial* e a outra pela sua propria folha, esta-se atrazando tambem.

O insucesso do *Amazonas*, parece ter trazido desanimos a alguns

camaradas. Não é caso para isso. A derrota operada é uma lição e em vez de se afastarem da luta, estudem melhor a ação para o futuro.

As classes operarias, devem contar sómente com as suas forças. Isso tem sido constantemente demonstrado e mais uma vez ficou provado agora connosco. Querendo alguns camaradas, depois de verem que com o nosso esforço nada se fazia, que recorressemos aos tribunais, tiveram a confirmação do que tantas vezes dissemos:—*A justiça das leis, não vale nada, só têm valor na applicação contra nós.* Sinão vejamos:

O diretor do *Amazonas*, que na escala zoologica, não tem classificação, tem-na todavia na escala onorifica da sociedade. Como toda a gente, é *doutor*, muito embora não tenha grau em qualquer faculdade. E' apenas um solicitador mas, como omem que é de tribunal, tem a solidariedade dos seus colegas, muito embora não sejam colegas.

Desanimar, portanto, neste momento, seria o maior dos crimes. Sem persistencia nada se faz. Univos camaradas e segui firmes e sem receios, pela estrada aberta á vossa imancipação. A classe precisa da maior união possivel. Precisa do amparo de todos os que se acham com maior força e coragem. Por isso recuar seria uma covardia, abandonar será uma traição.

Univos! e avante camaradas!

TERCIO MIRANDA.

## A GUERRA E OS SOCIALISTAS

Se o momento que atravessamos é de uma grande luta, em que os interesses do capitalismo são postos em duélo, no qual corre o sangue rubro de milhares e milhares de proletarios, e da contenda estes só podem tirar de resultado a miseria, tambem é de luta para os socialistas, não patuando n'essa guerra desesperadôra e vergonhósa em que se debate uma grande parte da Europa, afirmando assim as suas convicções de lutadores de um ideal sublime na estrada já percorrida, em que se tem mostrado na propaganda, que a guerra ao capitalismo deve ser a todas as óras, tendo igual campanha o militarismo por representar na sociedade o retrocesso!!

Prégamos a paz, a ordem, a justiça, principios de emancipação, e que se baseiam na sã doutrina de libertar o povo do jugo interesseiro

de uma sucia de homens, que velhacamente, souberam arranjar riqueza á custa do suor do operario, mas, prégamos a revolução para conter nos devidos respeitos os desmandos tolos d'esses interesses, e não consentir que o operario, o povo, pége em armas para defeza d'aquelles que depois, não se importam que ele viva na miseria!...

Mas os pregadores socialistas, os que antes, diziam coisas sublimes em bem arquitetados discursos, arrancando das multidões anonimas fortes aplausos, dizendo do burguez em palavras retombantes, o que absolutamente são e do militarismo, que a sua organização representa a tirania, aparecem agora na guerra com armas na mão, patuando e aplaudindo o acontecimento d'essa órda de capitalistas, que querem para si o direito de maiores interesses no auferimento de luçros!... E' vergonhoso!...

Hervé, o antigo e fogoso antimilitarista, que sofreu bastante no seu caminhar, no extermínio d'essa instituição militar, aparece agora como guerreiro das óstes burguezas. O parlamento francez aprova uma lei de repressão contra os antipatriotas, e os seus 70 deputados socialistas emudecem perante tal áto. Gorki o revolucionario russo, o escritor distincto, emfim, o acontecimento da literatura revolucionaria, acaba de se oferecer á França como voluntario. Os parlamentaristas alemães, sãem do seu território para pegarem em armas juntamente com os socialistas francezes.

E tantos outros fatos que enojam o nosso espirito, e de revolta se enche o nosso coração, que, a pena não corre sobre o papel pela indignação que se apodera a quem estas linhas escreve, só para demonstrar não o enfraquecimento do cerebro d'esses socialistas, mas para dizermos que lhes convêm, a presente sociedade, para o saciamento de *barriga*!

Quanto não seria mais nobre n'este momento, chamar a si os elementos libertarios e de commum acórdo tentar um movimento grandioso para atenuar este grande mal!... Digam sem repulsa: pegar em armas para defeza dos burguezes não enobrece a ação. Mas levantar um movimento de protesto, e lutar com sacrificio da propria vida, engrandece a causa da nossa doutrina! Por isso n'este momento só podemos dizer n'um grito de revolta:—Abaixo a guerra!



## O Ideal Futuro

Quem quiser desenvolver-se como ser moral, deve fazer exatamente o contrário do que lhe recommenda a Igreja e o Estado: deve pensar, falar, agir livremente. São as condições essenciais de todo o progresso.

«Pensar, falar, agir livremente» em tudo! O ideal da sociedade futura, contrastando com a sociedade atual, precisa-se pois da maneira mais nítida. Pensar livremente! Com isto o envolucionista, feito revolucionário, separa-se de todo a igreja dogmática, de todo o corpo estadual, de todo o agrupamento político de cláusulas obrigatórias, de toda a associação pública ou secreta, na qual o societário deve começar por aceitar sob pena de traição, limites incontestados. Não mais congregação para pôr no index os escritos. Não mais reis nem príncipes para ordenarem um juramento de vassalagem, nem chefe de exercito para izijir fidelidade á bandeira; não mais ministro de instrução pública para ditar ensino, para designar até as passagens dos livros que o professor deverá explicar; não mais comissão diretora que ezeja a sençura dos omens e das coisas á entrada das «casas do povo». Não mais juizes para forcarem uma testemunha a prestar um juramento ridiculo e falso, implicando fatalmente um prejuizo pelo simples facto de ser o proprio juramento uma mentira. Não mais chefe seja de natureza que fôr, funcionario, mestres, membros de comissão clerical ou socialista, patrão ou pai de familia, para se impôr como amo ao qual se deve obdientia.

E. RECLUS.

## Francisco Ferrer

Resam as crônicas que o erdeiro presuntivo do imperio austriaco, ha pouco executado na escravizada Bosnia, era um esceleto rapaz com o cerebro todo cheio de macaquinhos a dansar o tango imperialista e a bater o fado da supremacia militarista. Afóra isto era um homem vulgar, vulgarismo mesmo, a que não lapejam um pequeno resquicio de genio ou talento.

Se não fossem as balas do estudante servio, viria a ser dominador de muitos milhões de homens, mas sómente, tão sómente, pelo acaso do nascimento, pelo direito divino.

O gesto violento e talvez justo d'aquelle servio eliminou-lhe a vida, sem que lhe valesse a onipotencia da sua posição e a divindade da sua origem.

E a guerra desencandeou-se, atirando uns contra outros milhões de homens.

Francisco Ferrer era a poderosa e racional organização do maior obreiro do futuro. Abria escolas, ensinava o culto da Liberdade, pregava a sã e resplendente doutrina de que todos os omens são eguaes e se devem amar como irmãos.

Os vendilhões do templo, porém, odiavam-no.

E em nome d'aquelle palido e doce nazareno que, diz-nos a lenda suave, derramava em jorros de luz os mesmos reflexos de amor e justiça, condenam-no á morte.

Toda a humanidade se ergueu, suplicou e unisona, pedindo que lhe poupassem a

vida, que se não manchasse a civilização com tão ediondo crime.

Mas a sentença havia de cumprir-se. E cumpriu-se!

Simplemente, o martir em vez de uma cruz redentora, teve as balas assassinas da ignominia; em vez do ar livre e embalsamado das montanhas do Calvario, teve os fósos infetos de Montjuich.

E, então, não houve, como ôje ha, um mar de sangue que lavasse a nódoa tremenda de tal monstruosidade.

Mas um dia o ômem ha-de ser verdadeiramente livre!

JOSÉ DA MOTA VIEIRA.

## Carta aberta a meu irmão.

Meu bom Abílio:

Ha algum tempo que não te escrevo. Desculpa. Não me queiras mal por isso. Agora, sim: escrevo-te, mas como nunca, com o mais ardente desejo de te abraçar, de te ver perto de mim: é a nossa carne irmã, o nosso sentimento de fraternidade, que tenta aproximar-nos, para nos estreitar num só abraço.

O «Cabo submarino», esse aprefeiçoamento humano, que atravez do oceano, nos põe em contão com as grandes distancias, dá-nos conhecimento da mobilisação do exercito em Portugal.

A tristeza que em mim tem predominado, desde o primeiro dia da guerra, augmentou agora com a noticia de que as tropas das terras em que nascemos, vão ser lançadas nessa luta fratricida, em que tanta gente tem morrido e continuará a morrer.

Orrôr! Parece que já estou vendo, milhares ou mesmo milhões de viúvas e orfãos, velhos invalidos abandonados pelos filhos mortos ou inutilizados, pelos efeitos de tão cruel carnificina. E que dilacerante dôr não sofreria eu, ao saber que tu irias tambem, como qualquer assassino ou bandoleiro, matar quem nunca te fez mal algum, quem nunca tu heceste e quem sabe até se algum amigo mesmo, que porventura as circunstancias do momento, tenham colocado na sua frente como inimigo.

A nossa familia é forte. Nascida nas arejadas casas de campo, ou nas salubres habitações das vilas, não podia deixar de ter individuos, que aliassem á sua bondade a valentia e corajem. E tu não és um pussilanime. Provastel-o algumas vezes ao meu lado.

Eu vi-te inscrever no 1.º Batalhão de Voluntarios da Republica: foste dos primeiros. Mas agora sem duvida não farás isso, porque naquele tempo tratava-se de garantir um direito, conquistado pelo povo á custa de algum sangue e era preciso, que não se deixasse derramar mais uma gota sequer. Agora trata-se dum interesse bem diferente. Trata-se, não da liberdade, do prestijio do povo, mas, do prestijio dos arjentarios insatisfeitos, que longe de suavisar as dôres e as maguas dos pequenos, aumentam ainda as suas chagas mortíferas. São estes os unicos culpados da grande calamidade que nos envolve e são estes que em vez de irem combater, mandam os filhos do povo. E assim eles, que tudo teem a perder, nem a vida arriscam. Mesmo vencidos são sempre vitoriosos.

Obrigado pelas «forças legais», não vais. Não és militar. E eu nunca me arrependerei de ter conseguido tal. Porém a «força arbitrária» pôde obrigar-te. Não vás, meu irmão. Não procures matar, fazer mal áqueles que não sendo teus irmãos como eu, pertencem todavia á fraternal Familia Humana: e tu tens uma espôsa que ficaria em pranto e um filhinho que deixarias abandonado. Aceita antes o suicidio, porque eu prefiro tirar uma vingança, a chorar eternamente a tua vida de bandoleiro do Estado. Morre por um ideal, mas não por uma ambição criminosa. Prefere a perseguição dum martir aos louros dum erói: este é um assassino ou um ladrão, aquele é simplesmente um justo.

Até breve.

Manaus, 18 de Outubro de 1914.

TERCIO.

A obra de Ferrer é imensa: 38 centros de educação racional, 38 centros de vida intelectual, saídos da terra, por seu esforço somente, na Catalunha. Isto sem contar a Escola-mãe, a sua livraria, o seu Boletim. Milhares de creanças, aprendem a ser conscientes e boas, e não escravos! Por isso se concebeu odio do obscurantismo.

CARLOS MALATO.

## NO PORTO

### CASA DO POVO

A imprensa indijena noticiou, que na «Casa do Povo» daquela cidade, ao finalizar uma sessão de protesto contra a carestia da vida, se deram ali certos disturbios, agravados com a intervenção da força armada.

Nada disto nos surpreende, mas simplesmente o caso dum jornal dizer, que a «Casa do Povo» devia ser o lugar de reunião dos sindicatos federados, onde uma minoria insatisfeita, arrasta o povo ordeiro, patriota e calmo áqueles ecessos.

Lamentamos tratar-se dum colega onde contamos algumas simpatias e amizades, o certo é, que não podemos deixar de fazer uma pequena observação ao seu informador, para que no futuro seja mais ponderado e menos apaixonado, pois, não é bom julgar por suposições.

A «Casa do Povo» tem como caráter unico, o de *ensaios coléti-vistas*, ou mais praticamente, o cooperativismo. Devidi-se em duas secções. A primeira tem uma quotisação de 2 c. (20 rs.) semanais, que dá direito á frequencia duma escola noturna e aos funerais do socio. Na segunda secção é que encontramos o cooperativismo independentemente da primeira. O socio contribue com determinadas quoti-

sações, que vão constituir os fundos com que mantêm mercearias, depósitos de calçado, fazendas, uma tipografia, etc.

Ora com o dinheiro que ali se deposita, ou por outra, com vales levantados sobre o capital acumulado, podem os seus associados fazer as suas transações em tais estabelecimentos. Os juros não são distribuídos, mas sim, empregados na ampliação da sua obra, e no dia em que o socio quizer quitar-se com a «Casa do Povo», em vez do dinheiro que ali depositou, tem direito apenas a levantar, em generos ou artigos, valores que lhe corresponda.

Como vê o informador do nosso colega, tal sociedade não é um organismo sindical-federativo.

O informador do nosso colega, que é a «Folha do Amazonas», confundiu a «Casa do Povo», no Porto, com a «Casa Sindical», em Lisboa. Enganou-se. Uma e outra são duas coisas muito diferentes.

Eis aí a nossa observação.

## Dois que se albardam

São dois que não aparelham pela circunstancia de um d'elles ser *perneta*! Mas ainda podem prestar algum serviço, puchando a qualquer carroça de algum pobre diabo que os aproveite para o serviço de carretos!...

Lazarentos! Cheios de fome, ao abandono, albardaram-se os dois ás ordens do *Chauvinismo*, que os montará todas as vezes que necessite!... Pobres d'elles!... Em tudo eles são pobres!... No espirito, na alma e no corpo!... O espirito obsecado de costumes ordinarios, conspurca-lhes a alma e o corpo lazarento, enoja quem os vê, sujeitando-se a quem os albardou!...

A grêve dos operarios do «Amazonas», que apesar de tudo, é mantida com verdadeira solidariedade, atravez de muitas semanas, junta mais dois traidores e d'aquelles que ha bem pouco tempo, o *albardeiro* incluia no estrangeirismo, para que reclamava a atenção da policia!

São dois que vão ter a *onra* de figurarem no quadro negro da traição e os seus nomes ficarão odiados por todos aqueles que vêm trabalhando pela sua emancipação!

**Augusto dos Reis**, um operario que trabalha como impressor na casa comercial do velho Lino

e em quem nós operarios confiamos, pelas suas palavras que pareciam sinceras, recebeu pelo serviço de pôr o prêlo a funcção a misera quantia de 30\$000 réis!...

O outro, **Virgilio Carneiro o perneta**, mancando, não poderá com o repucho de fazer grandes caminhadas, porque, alem da albarda que lhe peza sobre o lombo, terá ainda o odio de todos aqueles que viram, na sua porca acção, um traidor descarado!

Ambos são de nacionalidade portugueza. Para que recebam o pago que merecem, e para os devidos efeitos, fazemos a sua apresentação, recomendando-os a todos os centros laboriosos.

Cumprindo o nosso dever de solidariedade, aqui fica o aviso.

UMA VITIMA

## Liberdade!

Sônho de todos nós, palavra que parece um mito, mas que será uma realidade desde o momento que nós estejámos todos unidos, o sônho desaparece e nós veremos então a realidade, a liberdade, que todos nós aspiramos, a reivindicação dos nossos direitos.

Camaradas! nós todos devemos ir ao Sindicato, que é a nossa escola; é lá que vamos aprender a conhecer os nossos deveres; congregados, trabalharemos para o nosso ideal, para um dia alcançar a reivindicação dos nossos direitos, para alcançar esta liberdade a que tanto aspiramos.

Qualquer camarada, grafico, padreiro, alfaiate, sapateiro, ou doutra qualquer classe deve ir até ao seu Sindicato, deve ir até á sua escola, para compenetrar-se nos seus deveres: não deve temer as ameaças dos patrões, que é para um dia dizer bem alto:

Somos livres!  
Somos libertos!  
Abaixo a tirania!  
Viva a liberdade!  
Viva o socialismo!  
Viva a Escola Moderna!

• Manáos, 5-9-1914.

E. CAVALCANTI.

A religião é aliada natural do rico... Quem dis Egreja dirá sempre capital imobilizado, adoração, sustento de qualquer classe bonzos, sanguessugas dos trabalhadores.

CAMILLE PERT.

## SULCOS...

### Um suplemento.

Recebemos um «suplemento» saído duma tip. de Leiria e editado por um tal Moreira Rosa, donde respigamos o seguinte:

*Os Sindicalistas e o Povo Portuguez*—A sua attitúde louvável perante a nova conspirata.

*Os pescadores d'aguas turbas, inimigos rancorosos do rejimem do Povo*—*Mario Monteiro, Moreira d'Almeida, Cunha e Costa e Machado dos Santos.*

Até que enfim!

*Falharam os planos da clericalha.*—Desta vez não conseguiram eles envolver nas suas rédes o operario injénuo.

Viva o Sindicalismo!

*Viva o operariado portuguez que emfim compreendeu que só o governo de Afonso Costa, por seu pulso firme e por sua conduta patriota pode salvar o país!*

Vivam os Sindicalistas!

*Viva o operariado que não se vendeu!*

*A obra do governo e as dificuldades que lhe tentam levantar.*

*Abaixo os inimigos da Patria.*

*O dr. Alfredo de Magalhães, illustre director do «Rebate» oferece o seu apoio ao governo.*

*Haja coerencia!*

Isto é claro, são os titulos dos quadros apresentados, que nos deliciaram bastante, com a sua leitura consubstancial.

O resto é parecido e até parece que o original foi daqui!

Francamente, se o Motinha não levasse a mal, atreviamos-nos a perguntar-lhe se o tal suplemento era da sua lavra.

### Socialistas alemães e italianos

Jornaes recebidos agora da Europa, informam-nos de que trez deputados socialistas ao Reichstag, resolveram ir a Italia, justificar o procedimento dos correligionarios na guerra contra a França. Dois ficaram pelo caminho, e o outro mais corajoso chegou ao seu destino. Monologou desculpas e referiu-se á *civilização alemã*, etc.

Os italianos salientam a França



revolucionaria, que não era a pretendida inimiga da Alemanha e acusam os socialistas tudesco de servirem as ambições do Kaizer.

Muito bem!

Mas como querem os socialistas italianos que os seus correligionários vivam para alguma coisa mais? Olhem para o que fizeram na Itália, com a guerra do Oriente?

Ora!!! Ora!!!

Afinal socialismo de parlamentos é assim mesmo! São amigos do povo, mas antes de tudo olham o interesse do burguezismo.

E isto porque são amigos do povo...

#### O ómém das polacas.

Este ilustre Cavaleiro da Bolsa Alheia, que agora está elevado á categoria de capitão... da artilharia aliada, que fôrma posições no montúro onde se publica o seu calabrez orgam de guerra, mais uma vez assustou o inimigo com os disparos... da sua circulação.

Certo inimigo, faz arremetida contra ele, mas querendo o capitão aproveitar as magras munições de reserva, do seu maquinismo assestado, deu fôra do alvo e quiz negar, que ao seu primeiro batalhão de sapadores, assapados com a sua habilidade, devêsse 6:000\$000 dos seus pretos. Estes sapadores que são os eis-operários, que abandonaram a sua casa fazendo greve, por lhe não pagarem, vêm com um boletim, em aussilio do outro, afirmando ser verdadeira a dívida!!!

O' sr. Capitão! Seja caloteiro! seja ladrão! mas não mentiroso!!!

Todo o salafrio, ou o mais criminoso bandido, para ser digno do seu nome, não nega as suas façanhas! Seja digno!

#### O Pernêta do Amazonas.

O Pernêta ia duplicando a sua desgraça. Tôrto duma perna, como tôrto é nas suas ações, teve já a recompensa pela sua traição aos operários que foram espoliados, na casa em que ele os substituiu.

Querendo mostrar valentias, de que fem fumaças, mas longe dos seus adversários, julgou que se safaria bem, investindo contra qualquer D. Quixote. E investiu contra o velho D. Quixote do Beco das Polacas. Mas este, que em vez de moínhos, viu logo um aleijado, arremeteu, não de lança em punho mas de punho sem lança, contra a cara de Pernêta.

Apanhou, não recebeu os cobres que também lhe roubaram e ainda foi pôsto fôra da porta!

Devia ser curioso! Curiosissimo!

O cara de cavalo até parecia gente a rir-se e o riso era era tão zim-pátego que parecia ter sido impressado pelo omém das polacas!

Agora vamos nos rir mais e bastante. O Judas, que reêncarnou em Augusto, vái também apanhar, porque não ha muito ainda, lançoava que quando o coxo apanhasse ele também apanharia.

#### Preocupação

O Santo André-Demoniz, anda bastante descontente com *Providencia-Divina*, porque depois de jurar ao seu Deus matar — mas matar a valer, não é istória — Tercio Miranda, ainda não se lhe proporcionou o momento. Parece que os 12:000 marítimos que ele tinha para os auxiliar no *trabalhinho*, não estão dispostos a segui-lo por se ter servido do seu nome sem os consultar.

Pouca sorte, Santidade!

#### Monarquistas em Portugal

Os jornais desta cidade anunciam que nova conspiração monarquista acaba de ser sofucada em Portugal. Prisão atulhadas de delinquentes, padres forajidos na fronteira, o diabo. Isto sem faltar a senhora da alta sociedade.

Pelas informações que nos chegam sabe-se que a conspiração capitaneada por monarquicos, se tornou publica, com a recusa de marcha para a guerra, revoltando-se alguns rejimentos.

Mas no meio dos telegramas, dum jornal encontramos o seguinte:

« LISBOA, 23. — E' vóz corrente que em certos círculos oficiais se disse ontem que o movimento revolucionario não era propriamente monarquico e que o governo lançou mão desse pretexto para mascarar o procedimento das tropas. »

Que será? Naturalmente o povo não se quis prestar a ser assassinado, nem ser assassinado, em condições barbaras e sem razão. E logo foram vistos no seu meio os monarquistas.

Esperemos como também disse o nosso colega *O Lusitano*.

#### Novo rejimem de economias

A titulo de economias, fôí decretada a redução de salários, para o pessoal da « Imprensa Oficial » tendo entrado já em vigor tal decreto.

Agora perguntamos nós, — isto sem ofensa ao nosso camarada contemplado — que sistema de economia é aquele, em que se reduz ao salario do pessoal, por um lado, aumentando o numero dos operários por outro?

Não compreendemos e lamentamos mesmo não podermos aprofundar a economia.

Será isto neo-economismo?

#### Na Casa do Povo do Porto

Diziam os telegramas da nossa imprensa, que o Porto tinha sido teatro de grandes disturbios, onde pelas balas, dos esbirros policiaes e da guarda republicana, fôí morto um operário, ficando feridos muitos outros. Mas o mais coriôso é que os correspondentes telegraficos nos informam, que o movimento principiou na « Casa do Povo » dando-se os incidentes referidos, nas suas imediações, como rua do Almada, onde é a sua sede, etc..

Ora dizem-nos os jornais recebidos no ultimo correio, que a reunião do povo, que protestava em massa contra a carestia da vida, fôí na Praça da Trindade que as « desordens » tiveram logar nas proximidades do Governo Civil e nas ruas de S. João, Mousinho da Silveira e outras afluentes destas.

Parece que estes correspondentes se empenham na troca dos nomes das ruas! Pelo menos parece, porque todas elas ficam alguma coisa distante umas das outras.

Caramba! Se os senadores do município do Porto soubessem desta troca de nomes eram capazes de supor, que esta troca era obra dos seus colegas da *minoría socialista*.

#### "Trust" das padarias.

Os industriais de padarias, que sem motivo que o justificasse aumentaram o preço do pão, vendo gorada a iniciativa descarada dum monopólio, preparam-se para novas proezas.

Muito sorrateira e mascaradamente, já conseguiram o limite de padarias, muito embora a lei consinta, que em determinadas condições se possam abrir novos estabelecimentos. Pois novas surpresas nos esperam!

Se o povo não abrir os olhos, está perdido.

Fôra com os seus inimigos!

Alerta!

CERES

## Haja união

Quando o homem trabalhador apareceu no mundo de tantas misérias, e quando com a sua força de vontade começou a engrandecer o globo, trabalhando e progredindo, não tinha em vistas outro ideal que não fosse o da liberdade.

São quase efêmeras as ideias concebidas—não que não haja elementos de aproveitados empreendimentos—mas têm frassado pela falta de orientação e instrução e mesmo pelo entorpecimento e fraqueza manifestadas nos menos cultos; e porque ainda não está bem entendido o ponto terminal onde se encerram todas as luzes do espírito.

Este deve ser estudado cuidadosamente por todos os que servem de joguete aos parasitas, que nos tiranizam cinicamente e depois se riem de nós, empresando-nos os epítetos que eles mereciam.

Desde o presidente da República até ao mais infimo subalterno, olham-nos de soslaio; na democracia, na burguezia capitalista, civil ou militar, encontram-se os nossos maiores opressores, defensores intrinsecos dos nossos algôzes e portanto nossos inimigos de vida e morte.

—Qual seria pois, o remédio capaz de curar radicalmente os males do operariado?

—E' muito simples. Mas a cegueira inconciente atravessa-se entre o bem e o mal, resultando daí a calamidade que hoje ameaça a destruição dos obreiros mundiais.

Se ouvesse um pouquinho de pensamento no futuro, talvez o operariado tivesse um triunfo, mas para isso é necessário, simples e exclusivamente, a união de todos.

Esta era facilima, se todos os exploradores tivessem uma conciencia nitida e não se deixassem ficar estorvados miseravelmente pelos exploradores do nosso suor.

Será porque temem a fome? Talvez. Mas desde que houvesse a união, jamais poderia existir tal temor.

O operariado deixa-se ficar inerte co-

mo um corpo sem vida acreditando nas labias dos parasitas que nos roubam escandalosamente o suor que derramamos.

Lembra-vos ó operarios, que sendo nós todos, os produtores e fatores de tudo, nada possuímos! Pois está aí um exemplo, para vós todos os que trabalham: numa oficina do governo, vivem atrasados no salario que além de mesquinho é incerto, pois ainda foram mais rebaixados, e todos ficaram satisfeitos como se lhes tivessem aumentado.

Se ouvesse união entre nós todos, (jurro pela minha ónra) não teria acontecido tal.

Ontem fôram diminuidos os salarios, vós nada dissesseis; amanhã, vos mandarão passear e nada podereis dizer.

E depois de tudo isto, ainda somos odiados... Mesmo que o operario sofra, não deve sujeitar-se a medidas tão absurdas, por principio algum.

Somos operarios e somos irmãos: sejamos unidos, apaguemos da memoria os ressentimentos antigos e marchemos para alcançar a nossa felicidade.

A união faz a força e contra a força não ha resistencia.

Manaus, 6—10—914.

M. ARNALDO.

## Gustave Hervé

Este antigo antimilitarista tem dados motivos devéras propícios, para a imprensa mercenaria morder nos revolucionarios e impinjar as suas lóas patrióticas.

Todos os jornais se teem referido a Hervé, apontando-o como anarquista ezemplar, revolucionario e não sei que mais. Nisto se vê um grande desconhecimento da materia de que se ocupam, ou então, o requinte e a má fé, com que querem baralhar tudo.

Hervé nunca foi anarquista. Teve ha anos o apoio dos anarquistas e dos revolucionarios sociais, na sua propaganda contra o militarismo e limite de fronteiras. A propria imprensa burguesa, nesse momento, agussava a curiosidade publica, em paginas inteiras, com o seu *érvetismo*. Mas as suas edeias, que nessa epoca o levaram á prisão onde, devia permanecer onze anos, dirijiam-se simplesmente para a unificação europeia.

Ha dois annos apossimadamente, que Hervé está desligado de todo o elemento revolucionario. Certas duvidas sobre o seu caráter fôram confirmadas ao fim de uma apertada vijilancia. E depois duma entrevista suspeita na *Santé*, onde estava encarcerado, vinha a «Guerre Social», num artigo seu, desmentindo as tão apregoadas doutrinas. *Leurs patrie*, tinha sido um engano e como os juizes não previram tal erro, receberam nessa occasião a prova da sua incompetencia, com a *anistia* decretada, pelos seus ierarquicos amos, em favor do perigo e falso revolucionario.

Creemos que em face disto, não ha mais motivos para admiração, por tão virtuoso intruso se ter oferecido ao ministerio da guerra, para ir combater e matar aqueles que antes considerava como irmãos de uma só nação. E cremos ainda que «La Guerre Social», não servirá mais para alvo das arremetidas de alguns adversarios nossos, em ezemplos de anarquismo.

## VIDA SINDICAL

### Graficos

Estes camaradas, segundo parece, estão no proposito de nunca serem livres. Parece que querem aumentar a sua situação de miseria e escravidão.

Coisa lamentavel! A classe tipografica é a classe da luz, mas não enxerga!

E' tal o desanimo destes camaradas, que inspira sérios cuidados.

São iludidos com promessas burguesas e não pensam que todo o ómem deve ser livre, esperam melhorár de situação sem trabalhar em seu favor!

Têm pretensões altaneiras, orgulho e preconceitos tólos e não se lembram que são as vítimas. São

ecessivamente ignorantes e julgam-se sabios! Tempos ainda virão, que eles se arrependarão da sua inconsciencia malévola.

Esquecei este orgulho! Enxergai um palmo adiante! O peor cego é aquele que não quer vêr!

Acordai camaradas!

### Panificadores

Continuam progressivamente os trabalhos do Sindicato desta classe. E' sem duvida a mais florescente das agremiações operarias.

Em sessão solene, foi dáda posse ao Conselho Sindical e nomeados por assembléa geral, delegados, nas diversas padarias, para syndicar o movimento dos seus agremiados e fazer a propaganda associativa.

Os patrões que já lhes cercearam algumas regalias, pretendem

prejudical-os mais, porem estes não estão ainda dispostos a isso.

Completamente satisfeito, pelo seu progresso, alvejo que continue na senda que vai trilhando.

Segui companheiros.

### Sapateiros

Ufano-me com a attitude, assumida por esta classe, que a convite do Comité «Obreiros Unidos» se reuniu, comparecendo na sua sessão inaugural grande numero de camaradas, com idéas de liberdade, ficando daí organizada uma agremiação de resistencia, assente nas mesmas bases dos sindicatos aqui organisados pelo mesmo comité.

Não posso deixar de ipotocar a minha solidariedade a estes camaradas, que com tanto entusiasmo se organisam.

Marchai!

REVOLIT.